

Cooperação e controle na rede: um estudo de caso do *website Slashdot.org*¹

Beatriz Cintra Martins²

PPGCOM da Escola de Comunicação da UFRJ

Resumo

Através da análise da interface do *website Slashdot.org*, este trabalho pretende investigar as relações entre cooperação e controle nas interações entre parceiros na Internet. O *site* em questão trata predominantemente da temática do *Software Livre* e de *Código Aberto* e tem como público a comunidade *hacker*. O estudo de caso evidenciou a operação de um sistema de monitoramento mútuo entre parceiros como complemento do modelo de mediação cooperativa do *site*. Busca-se, então, explorar as especificidades desse monitoramento recíproco, tendo como referência as pesquisas sobre a construção de perfis eletrônicos como uma estratégia de controle da atualidade. As conclusões do estudo de caso apontam para uma tendência à homogeneidade na interface final dos fóruns de discussão, o que vai contra a idéia de diversidade como característica da comunicação muitos-muitos que tem lugar na Internet.

Palavras-chave

Internet; cultura *hacker*; cooperação produtiva; controle, tecnologias de cooperação.

1 Introdução

O objeto de estudo desta pesquisa, o *site Slashdot*³, traz à reflexão alguns dos temas que têm sido explorados na análise das características da Internet como um meio de comunicação. Em primeiro lugar, o modelo de mediação do *site* permite uma comunicação horizontal muitos-muitos, aberta e descentralizada, em um aproveitamento máximo da topologia da rede. O *site* funciona como um fórum de discussão: a cada notícia postada, todos podem enviar comentários, réplicas e tréplicas, indefinidamente. A liberdade de expressão é plena: todos os comentários postados ficam visíveis para a leitura.

A liberdade de todos se expressarem, no entanto, trouxe à tona outra questão concernente à Internet: o excesso de informação que caracteriza o nosso momento histórico e que tem na rede mundial de computadores provavelmente a sua maior expressão. Nunca o homem esteve exposto a um número tão grande de informações sobre o mundo que o rodeia. Para Vaz (2000), se isto por um lado pode se traduzir em multiplicidade e liberdade, na medida em que anuncia a possibilidade de acesso a um número extraordinário de dados sobre a realidade, por outro, aterroriza pela impossibilidade de se processar toda a massa de

¹ Trabalho apresentado ao NP Tecnologias da Informação e da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ (2006). beatrizm@uol.com.br.

³ Endereço eletrônico em: <<http://slashdot.org>>.

informações disponível. Frente ao caos informacional, o que se coloca, então, é a necessidade da economia da atenção para se gerar a qualidade da comunicação.

No *Slashdot*, o excesso de informação e a necessidade de se garantir legibilidade ao conteúdo – e ao mesmo tempo de administrar o ruído que aparece na discussão na forma de comentários agressivos, ofensivos, fora de tópico ou repetitivos – criou a demanda por um modelo de mediação das informações. À primeira vista, uma característica desse modelo chama a atenção: a moderação é feita de forma coletiva e randômica, isto é, o sistema escolhe aleatoriamente 400 participantes para operarem como moderadores durante um período de três dias. Uma outra operação chamada de meta-moderação, feita também de forma distribuída, funciona, por sua vez, como uma fiscalização coletiva do trabalho dos moderadores, para impedir que atuem de forma injusta.

Em uma primeira abordagem, pareceu procedente interpretar esse modelo de mediação coletivo como um modelo de comunicação baseado na cooperação, tendo como referência a cultura *hacker*⁴. Contribuiu para esta decisão, a constatação de que os temas tratados nos fóruns de discussão são em sua maioria relacionados à produção de *Software Livre* e de Código Aberto (SL/CA)⁵. Estes programas, como o próprio nome indica, têm como característica trazerem sempre o código-fonte⁶ aberto para leitura, ao contrário dos programas chamados proprietários, que tratam suas linhas de comando como segredo industrial. Os agentes envolvidos nessa produção são os *hackers*, personagens híbridos e indefinidos que ocuparam diferentes posições na história da revolução informática, e cuja trajetória é marcada pela defesa de um modelo de produção baseado na cooperação e pela livre circulação da informação. Vindos de fora dos estratos institucionais, influenciaram os padrões da Comunicação Mediada por Computador com suas práticas colaborativas, desviando os rumos de um projeto originalmente voltado para a pesquisa científica e militar, e ajudando a transformar o computador em meio de comunicação e de interação social (ANTOUN, 2005).

Ao fazer o estudo de caso, curiosamente, pôde-se observar a operação de um controle mútuo entre os participantes como parte do modelo de mediação coletiva do *site*. Para que os comentários possam ser indexados segundo um parâmetro de qualidade, uma espécie de

⁴ De acordo com a primeira acepção do termo encontrada no *Jargon File*, um repositório sobre a cultura *hacker* desenvolvido coletivamente pela comunidade, *hacker* é “uma pessoa que gosta de explorar em detalhes os sistemas de programação e suas capacidades, ao contrário da maioria dos usuários que preferem aprender só o mínimo necessário”. A tradução é nossa: “A person who enjoys exploring the details of programmable systems and how to stretch their capabilities, as opposed to most users, who prefer to learn only the minimum necessary.” Disponível em: <<http://www.catb.org/jargon/html/H/hacker.html>>. Acesso em: 10 jun. 2004.

⁵ Esta tradução é nossa para o acrônimo *FLOSS – Free/Libre Open - Source Software*.

⁶ Código-fonte são as linhas de instrução de um programa, que descrevem as operações a serem executadas pelo computador a fim de realizar determinada tarefa.

mecanismo de monitoramento híbrido, operado pelo sistema do *site* e pelos próprios participantes, entra em ação. O que se verificou é que a operação desse modelo colaborativo de mediação faz uso de estratégias de controle como um contraponto necessário.

Esta pesquisa se propõe, portanto, a refletir sobre um tipo de controle que pode ser observado na Internet: aquele que combinado com a cooperação está na base de interações entre parceiros na rede, como o existente no modelo de comunicação do *site Slashdot*. Em outras palavras, quer se pensar o controle como parte do que Rheingold (2002) chama de tecnologias da cooperação, isto é, os mecanismos que fazem com que seja mais interessante cooperar do que agir em proveito próprio nas interações através das chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

2 Trabalho imaterial e sociedade de controle

Uma reflexão teórica sobre algumas transformações observadas na sociedade ocidental contemporânea, a partir de meados do século passado, ajudará a se compreender em maior profundidade o significado da cooperação e do controle como vetores das interações entre parceiros através das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Em primeiro lugar, serão analisadas as mudanças na esfera do trabalho, tendo como base as pesquisas de Hardt e Negri (2001) sobre a emergência de um novo modelo de trabalho na atualidade, caracterizado por sua natureza imaterial e no qual a cooperação e a comunicação ocupam lugar central. Neste contexto, irá se pensar o modo de trabalho *hacker* como uma radicalização do trabalho imaterial. Em seguida, serão estudadas as especificidades do monitoramento observado na atualidade, especialmente aquele inscrito em banco de dados, tendo como referência as pesquisas de Foucault (2004) sobre o Panóptico como o modelo de visibilidade da sociedade disciplinar.

2.1 A emergência do trabalho imaterial

O conceito de trabalho imaterial tem sido empregado por alguns autores (HARDT e NEGRI, 2001; LAZZARATO e NEGRI, 2001) para se interpretar as mudanças observadas na esfera do trabalho no Ocidente, notadamente a partir da década de 70 do século passado. Desde então, segundo esses autores, o modelo de trabalho fordista, pautado pela disciplina da linha de produção fabril, vem cedendo espaço gradativamente a um novo modelo de trabalho no qual a informação, o conhecimento, o afeto, a cooperação e a comunicação ganham

destaque. Essas mudanças, que devem ser entendidas como tendências hegemônicas e não como alterações abruptas, tiveram sua origem em fenômenos sócio-culturais que geraram profundas transformações na estrutura social a partir da segunda metade do século XX.

As lutas anti-disciplinares, que ocorreram na década de 60 do século passado, são um marco dessa transformação. Através da convergência de diversos movimentos proletários e populares contra o regime disciplinar globalizado, o sistema internacional de produção capitalista foi posto em crise. O modelo da fábrica fordista, no qual o conteúdo e o ritmo de trabalho era dado pela linha de produção, foi rejeitado por uma nova subjetividade que não aceitava mais se submeter a uma rotina de trabalho repetitiva e disciplinada.

O repúdio ao regime disciplinar e a afirmação da esfera do não-trabalho tornaram-se as características definidoras de um novo conjunto de práticas coletivas e de uma nova forma de vida. (HARDT e NEGRI, 2001, p.282)

O movimento estudantil, ao atribuir grande valor ao saber e ao trabalho intelectual, e o movimento feminista, ao valorizar as relações pessoais e o trabalho afetivo, contribuíram para a formação de novos valores do trabalho. Por outro lado, o movimento da chamada contracultura, que envolvia os mais diversos grupos de contestação ao capitalismo, elevaram o valor social da cooperação e da comunicação. A soma dessas transformações e influências resultou em uma profunda mudança da produção capitalista nas décadas seguintes. Uma nova produção de subjetividade, distinta daquela que havia imperado até então sob a chave da disciplina, impulsionou uma transformação no capitalismo que teve que incorporar a cooperação, a comunicação e o afeto em uma força de trabalho de novo tipo. Um trabalho que a partir de então será marcado predominantemente por sua constituição imaterial (HARDT e NEGRI, 2001, pp.281-300).

Características bem diferentes daquelas cobradas do operário fabril são exigidas para o trabalho terciário, como flexibilidade de aptidões e habilidade para conjugar conhecimento, informação, afeto e comunicação. A atividade mecânica é substituída pela capacidade de manusear e relacionar símbolos e informações. As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) ocupam lugar central na operação dessa nova economia.

A revolução da produção da comunicação e da informática transformou práticas laboriais a tal ponto que todas elas tendem ao modelo das tecnologias de informação e comunicação. Máquinas interativas e cibernéticas tornaram-se uma nova prótese integrada a nossos corpos e mentes, sendo uma lente pela qual redefinimos nossos corpos e mentes. A antropologia do ciberespaço é, na realidade, um reconhecimento da nova condição humana. (HARDT e NEGRI, 2001, p.312)

Diferentemente da era fordiana de organização de produção, quando o capital estava preso a um território fixo, a economia informacional se dá em rede, de forma

desterritorializada e globalizada. “O trabalho imaterial se constitui em formas imediatamente coletivas e não existe, por assim dizer, senão sob forma de rede e fluxo” (LAZZARATO e NEGRI, 2001, p.50). As trocas cooperativas prescindem agora de centro físico determinado para ocorrer, daí a centralidade da comunicação na cooperação produtiva. No caso de tarefas que envolvam o manuseio de informações, a tendência à desterritorialização é ainda mais pronunciada. Se, por um lado, isso pode representar um enfraquecimento do poder de negociação do trabalho frente ao capital, por outro, gera oportunidades de cooperação entre forças de trabalho autônomas que por sua vez podem criar uma rede de cooperação produtiva independentemente do capital.

Cérebros e corpos ainda precisam de outros pra produzir valor, mas os outros de que eles necessitam não são fornecidos obrigatoriamente pelo capital e por sua capacidade de orquestrar a produção. A produtividade, a riqueza e a criação de superávites sociais hoje em dia tomam a forma de interatividade cooperativa mediante redes lingüísticas, de comunicação e afetivas. (HARDT e NEGRI, 2001, p.315)

No contexto dessa nova economia, os hackers surgem como uma radicalização da cooperação produtiva. Ocupando posição privilegiada no centro das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação; são os criadores, os usuários e os distribuidores de *softwares* e *hardwares*; e inundam as redes de comunicação com suas trocas colaborativas. Desde a época em que passavam as madrugadas no *Massachusetts Institute of Technology* – MIT, decifrando os segredos dos primeiros computadores, até os dias de hoje, na produção de *Software Livre* e de Código-Aberto, sua trajetória foi marcada pela cooperação produtiva como seu *modus operandi* e pela defesa da liberdade de informação como condição para a operação desse modelo produtivo. Tendo ajudado a moldar a topologia da rede mundial de computadores, apropriaram-se das ferramentas de comunicação desterritorializada, e criaram uma rede de produção com base na cooperação na qual geram riquezas e valores, de forma independente e alternativa às instituições estabelecidas e ao capital corporativo. Constituídos de uma subjetividade feita da radicalização da cooperação produtiva como modo de trabalho, os *hackers* produzem *softwares*, que são riquezas econômicas, mas também produzem valores, ao dar novo sentido à própria produção (MALINI, 2002).

2.2 Da disciplina ao controle

As mudanças no âmbito do trabalho, analisadas anteriormente, acompanham transformações mais amplas observadas na sociedade ocidental a partir da segunda metade do século passado. Os padrões de ordem e obediência, que caracterizavam a sociedade

disciplinar, analisada por Foucault (2004) como o modelo da Modernidade, dão lugar a um novo modelo no qual outras qualidades passam a ser exigidas como: mobilidade, flexibilidade, eficácia etc.

Hoje o olhar do Panóptico, que para Foucault representava o modelo arquitetural do regime de visibilidade da sociedade moderna, está sendo substituído pela monitoração das câmeras e dos agentes eletrônicos. A vigilância hierarquizada deixa de ser dominante, e a movimentação passa a ser monitorada e controlada por modulação. A visibilidade não parte mais de um ponto central e nem é efetuada hierarquicamente, mas varre todo o campo social monitorando os movimentos e registrando-os em bancos de dados.

Para pensar o significado do monitoramento⁷ contemporâneo, operado através de bancos de dados, será necessário investigar as discontinuidades que perpassam o dispositivo, tendo sempre em vista que a história não se faz por movimentos de corte, mas de passagens nas quais padrões mais antigos vão se tornando ultrapassados e novos padrões vão emergindo.

O panoptismo tinha sua maior eficiência na interiorização do vigia. O homem moderno se interrogava sobre a natureza de seus pensamentos e seus desejos, e moldava sua subjetividade tendo como critério a norma. O perverso, o louco e o delinqüente representavam a anormalidade, o monstruoso a ser evitado. Na sociedade atual, o anormal deixou de ser foco de atenção e passou a haver uma grande tolerância para o que antes era visto como desvio. A sexualidade, por exemplo, não é mais objeto de censura. Existe, ao contrário, um grande encorajamento para que todos vivam seus desejos plenamente, sem julgamento moral. A culpa, moldadora da subjetividade na disciplina, não está mais no centro da subjetivação do homem contemporâneo (VAZ, 1996).

Por outro lado, a prevenção passou a ser o foco principal. O monitoramento contemporâneo tem como propósito não mais a ortopedia da alma, mas uma modulação da ação dos indivíduos que serve para antecipar comportamentos, tanto de consumo quanto de risco. Os perfis são preditivos porque são baseados em uma lógica de previsão do futuro: de acordo com a análise das ações do passado de um sujeito quer se prever a sua ação futura. Os perfis eletrônicos conseguem prever riscos, ao cruzar dados de acordo com critérios técnicos de peritos e identificar criminosos potenciais, ou predizer possibilidades de consumo, através ação de agentes inteligentes que definem potenciais de compra. A subjetividade, neste sentido, passa a se caracterizar por uma exterioridade feita de registros superficiais que não se

⁷ O termo vigilância é empregado por vários autores (BRUNO, 2004; LYON, 2002; MARX, 2002; POSTER, 1995; ROSE, 2000) para se falar das estratégias da visibilidade contemporânea. Neste trabalho, no entanto, vai se optar pelo uso do termo monitoramento a fim de se demarcar a diferença entre dois dispositivos de poder distintos: o da disciplina e o do controle.

interessam mais por uma interioridade oculta do sujeito, mas pela modulação de suas ações e comportamentos (BRUNO, 2004, p.117).

Se a norma não é mais norteadora da subjetividade, a escrita ininterrupta do exame, típica da sociedade disciplinar, dá lugar ao registro modulado dos perfis eletrônicos. No lugar da observação e do registro contínuos dos movimentos e dos desvios de um indivíduo, o monitoramento dos comportamentos através do registro das ações. A nova monitoração na sociedade contemporânea é, na análise de Marx (2002), pouco visível ou invisível, geralmente involuntária e contínua, integrada à atividade de rotina. A coleta de dados é feita preferencialmente por máquinas, é remota e pouco dispendiosa. O foco do monitoramento, por outro lado, é voltado mais para o contexto (geográfico, temporal, de sistemas ou categorias de pessoas) e menos para o sujeito já previamente conhecido.

A disciplina produzia o indivíduo, com sua assinatura, e a massa, na qual cada um existe como um número. Na sociedade de controle, pensada por Deleuze (1992) como o diagrama de poder que sucede a sociedade disciplinar, os indivíduos são dividuados em bancos de dados. Não mais a palavra de ordem, mas a cifra e a senha. Diferentes perfis são construídos atendendo a diferentes módulos da identidade. Eles acompanham o deslocamento e a fragmentação do sujeito contemporâneo, que não tem mais compromisso com uma linha de coerência, existente na Modernidade. As identidades tornaram-se provisórias, mutáveis, instáveis, por vezes até contraditórias. Ocupam diversos espaços da vida ou se revezam em diferentes momentos, de acordo com a ocasião, deslocando continuamente as identificações (HALL, 2002). Um perfil no cartão de crédito; um outro no plano de saúde; ainda outro no currículo escolar; mais um na receita federal etc. Cada um dando conta de uma face da vida, controlando movimentos e tendências, modulando a ação.

Poster (1995) analisa os perfis computacionais como o discurso da atualidade, produtor da subjetividade contemporânea. Na disciplina, o exame fazia o levantamento minucioso das características e do comportamento de cada sujeito de acordo com padrões de normalidade. No controle, informações diversas sobre ação dos sujeitos se inscrevem como símbolos em campos de bancos de dados, operando como um superpanóptico capaz de rastrear as movimentações de forma ainda mais capilarizada. A subjetividade interiorizada produzida pelo Panóptico, argumenta o autor, é substituída por uma objetivação exteriorizada feita por identidades dispersas das quais os indivíduos podem nem ter consciência. O princípio formador do indivíduo moderno, como uma subjetividade interiorizada e centrada, é violado.

[...] o discurso do banco de dados é uma força cultural que opera em um mecanismo de constituição do sujeito que rejeita o princípio hegemônico do sujeito centrado, racional e autônomo. Agora, através do banco de dados, o sujeito foi multiplicado e descentrado, capaz de ser agido através dos computadores em vários espaços sociais sem a menor consciência do indivíduo em questão, como se o indivíduo estivesse de algum modo dentro do computador. (POSTER, 1995, p.88)⁸

A noção de superpanóptico, no entanto, pode induzir à idéia de um rastreamento totalizante, como o *Big Brother* descrito por George Orwell. Rose (2000) se opõe a este pensamento. Para ele, se o controle é constante e ubíquo, também é disperso e descentralizado. Não há um banco de dados central que armazene todas as informações. Os dados estão distribuídos em diversos pontos e atendem a diferentes interesses, especialmente os relativos à segurança e ao mercado – perfis de risco e de consumo.

As estratégias do controle, para Rose, devem ser entendidas como uma barreira, modular, para o acesso aos circuitos de consumo e cidadania. Os dados do cartão de crédito, do banco, do seguro saúde e do passaporte vão dizer se o sujeito está qualificado ou não para diferentes patamares de consumo e de cidadania. Se pode ou não frequentar determinados espaços; se pode ou não atravessar determinadas fronteiras. A monitoração infinita do controle seria uma forma de monitorar capacidades ou potencialidades para participar de diferentes redes de sociabilidade, funcionando como um mecanismo de inclusão e exclusão.

Bauman (1999) também vê o banco de dados como um modulador de acessos:

A principal função do Panóptico era garantir que ninguém pudesse *escapar* do espaço estreitamente vigiado; a principal função do banco de dados é garantir que nenhum intruso *entre* aí sob falsas alegações e sem credenciais adequadas. [...] Ao contrário do Panóptico, o banco de dados é um veículo de mobilidade, não grilhões a imobilizar as pessoas. (BAUMAN, 1999, p.59, grifo do autor)

No entanto, esse rastreamento não deve ser pensado por um viés meramente negativo. Lyon (2002) argumenta que o monitoramento⁹ é uma resposta da sociedade contemporânea ao desaparecimento do corpo nas relações sociais, cada vez mais mediadas pelas Novas Tecnologias de Comunicação e Informação. A interação pessoal, face a face, ainda existe, mas novas interações estão sendo estabelecidas, de forma desterritorializada e assíncrona. Nelas, signos de confiança, como o contato olho no olho e o aperto de mão, precisam ser substituídos por outros signos que façam a mediação de confiabilidade.

⁸ A tradução é nossa: “[...] *the discourse of the database is a cultural force which operates in a mechanism of subject constitution that refuses the hegemonic principle of the subject as centered, rational and autonomous. For now, through the database alone, the subject has been multiplied and decentered, capable of being acted upon by computers at many social locations without the least awareness by the individual concerned yet just as surely as if the individual were present somehow inside the computer.*”

⁹ O autor usa o conceito de vigilância para falar do rastreamento de dados na atualidade. Embora este trabalho aproveite seu argumento sobre a função do que entende por vigilância, irá optar por usar o termo monitoramento pelos motivos já explanados anteriormente.

Neste sentido, para o autor, o monitoramento é um instrumento de organização social que não deve ser visto como unilateral, nem oposto à privacidade. Os dados coletados, relativos à segurança ou ao consumo, envolvem o gerenciamento do risco na vida social. Em muitos casos participa-se ativamente do monitoramento, fornecendo espontaneamente dados pessoais em troca de algum benefício, seja o aumento da segurança pública ou vantagens comerciais.

Apesar de a palavra vigilância ter freqüentemente uma conotação de ameaça, ele envolve inerentemente processos ambíguos que não devem ser considerados meramente sob um enfoque negativo. Muita da conveniência, eficiência e segurança do dia-a-dia depende da vigilância. (LYON, 2002, pp.1-2)¹⁰

Se no período moderno a visibilidade era uma armadilha, já que representava a vigilância e a moldagem de uma subjetividade culpabilizada, hoje a visibilidade proporcionada pelos perfis eletrônicos tem dois lados: por um lado pode representar uma barreira, ao identificar e impedir o acesso a determinados circuitos; por outro pode representar oportunidade de inclusão. Ao consentir em ser monitorado, o cidadão pode abrir portas para um futuro desejável. Campbell e Carson (2002), afirmam que os consumidores estão dando um outro sentido a sua privacidade, entendida agora não mais como um direito civil, mas como uma *commodity* a ser negociada com as corporações. Eles seriam agentes de uma espécie de monitoramento participativo, embora nunca tenham plena ciência de como seus dados serão armazenados e processados.

A idéia de um monitoramento como instrumento de organização social faz pensar, com Foucault (1999), em uma positividade do poder. Para este autor, o poder não é essencialmente repressivo. As tecnologias de poder se implantam e se consolidam na medida em que atendem a demandas políticas, econômicas e sociais, e comprovam sua utilidade. Ao analisar diferentes diagramas de poder, que vão se tornar dominantes em determinados períodos históricos, Foucault procurou compreender

[...] como esses mecanismos de poder, em dado momento, numa conjuntura precisa, e mediante certo número de transformações, começaram a tornar-se economicamente lucrativos e politicamente úteis. (FOUCAULT, 1999, p.38)

O poder produz realidade, delimita o campo de ação e estabelece os rituais de verdade. O poder produz modos de ver e modos de ser, fabrica subjetividades. Mais do que reprimir a vida, o poder vai geri-la, para extrair dela o máximo de produtividade, com o mínimo de resistência.

¹⁰ A tradução é nossa: “Although the word surveillance often has connotations of threat, it involves inherently ambiguous processes that should not be considered in a merely negative light. Much everyday convenience, efficiency and security depends upon surveillance.”

3 O modelo de comunicação do *Slashdot*

O modelo de comunicação do *site Slashdot*, tal como existe hoje, foi criado para administrar as discussões, inibindo as ações de provocadores e destacando os comentários relevantes. Existe um sistema randômico de moderação coletiva¹¹ para indexar os comentários de acordo com sua relevância num ranking que vai de -1 a +5, possibilitando vários níveis de leitura. No nível -1, a mais caótica, com todos os textos postados. No nível +5, a mais seletiva, só com as mensagens mais relevantes, segundo a avaliação dos moderadores. A interface do *site* permite ao visitante escolher em qual dos níveis quer acompanhar a discussão, através de uma caixa de seleção, gerando dessa forma uma economia no excesso de informações disponíveis.

Para dar conta da tarefa de indexação dos comentários, o sistema do *site* escolhe randomicamente 400 moderadores de cada vez entre os participantes registrados, de acordo com a participação, assiduidade, tempo como usuário registrado e qualidade das contribuições de cada um. Eles têm a função de pontuar os comentários, mas sua tarefa dura no máximo três dias ou até acabarem os cinco pontos que têm para distribuir. O sistema se encarrega de substituí-los automaticamente e a rotatividade é usada para dividir a responsabilidade entre um número maior de pessoas.

Os moderadores também são monitorados pelos que estão entre os 92,5% mais antigos freqüentadores do fórum, no que é chamado de meta-moderação. Esta é uma maneira de impedir que existam abusos de poder por parte dos moderadores. Os meta-moderadores avaliam 10 moderações de cada vez, classificando-as como justas ou injustas.

Completando o modelo de mediação de informações do *site*, um sistema de pontuação, chamado carma, monitora o comportamento de cada um, podendo variar entre Terrível; Ruim; Neutro; Positivo; Bom e Excelente¹². Seus critérios de avaliação incluem: a qualidade dos comentários postados; a freqüência com que se visita o *site*; a participação com contribuições de notícias a serem discutidas; o número de vezes em que participa da moderação e da meta-moderação. E num efeito recursivo: a qualidade das moderações e meta-moderações que faz, e a avaliação que recebe dos parceiros na moderação e na meta-moderação. A soma de todos os itens resultará no carma. Por um lado, impede que aqueles que só querem atrapalhar a conversa influenciem na moderação dos comentários – quem tem carma negativo não pode participar das tarefas de moderação e meta-moderação –, o que representaria a falência de

¹¹ O funcionamento do sistema de avaliação coletiva do *site* pode ser conferido em <<http://slashdot.org/faq>>.

¹² A tradução é nossa: *Terrible; Bad; Neutral; Positive; Good e Excellent*.

todo modelo de comunicação. Por outro, pode representar um bônus ou uma perda na hora de postar comentários. Por padrão, os comentários são postados com o índice +1¹³, mas quem tem carma alto começa com o índice +2. Já quem tem o carma negativo pode começar com 0 ou -1. Na prática, o sistema funciona nas duas pontas, como um *feedback* negativo ou positivo: impedindo os geradores de ruído de participar da moderação e postando seus comentários com indexação inferior, e, por outro lado, valorizando os comentários dos que se destacam pelos serviços prestados à comunidade.

3.2 Análise do modelo de comunicação

A primeira constatação que fica clara após a realização do estudo de caso¹⁴ é a percepção de que a cooperação produtiva, modelo de trabalho característico da comunidade *hacker*, permeia todo o *site*: está presente no modelo de mediação das informações; é o tema de fóruns de discussão; aparece em comentários que pedem as especificações técnicas de um problema para resolvê-lo coletivamente; além estar presente indiretamente em várias notícias sobre *Software Livre* e de Código Aberto.

A existência de uma ampla base de usuários atuando como moderadores e meta-moderadores das discussões é comprovada por pesquisa realizada por Lampe e Resnick (2004): na análise dos registros do *Slashdot* no período de 31 de maio a 30 de julho de 2003, foram identificados 24.069 usuários distintos atuando como moderadores e 18.799 usuários distintos como meta-moderadores. Embora não se tenha calculado o percentual dessa base em relação à massa de participantes, ela pode ser configurada como uma rede distribuída de trabalho cooperativo. Vale acrescentar que foi também comprovada a abertura dessa rede na medida em que este próprio pesquisador pôde dela participar.

Outro ponto que pôde ser avaliado foi em relação ao consenso. No fórum de discussão observado, constatou-se a existência minoritária de comentários discordantes com pontuação alta: dois em um universo de 11 comentários com índice +4, e nenhum dos 46 com índice +5. Pode-se interpretar isso como uma demonstração de um grande consenso, característico de valores e crenças compartilhados por uma comunidade, ou como um pensamento fechado de grupo, que não dá espaço à discordância. De todo modo, o que se constata é que o modelo de

¹³ Aqueles que não se identificam ao postarem são chamados de *Anonymous Coward* (Covarde Anônimo) e seus comentários entram com o índice 0 (zero).

¹⁴ Infelizmente, devido ao limite de páginas, o estudo de caso não será descrito neste artigo. Para mais detalhes, conferir MARTINS, B.C. *Cooperação e controle na rede: um estudo de caso do website Slashdot.org*. 2006. 115f. Dissertação de Mestrado. ECO/UFRJ

mediação do *Slashdot*, baseado em moderação distribuída e descentralizada, tende a produzir um conteúdo homogêneo.

Em relação à eficiência do modelo de mediação de informações do *Slashdot* para gerar uma economia na atenção e qualidade na comunicação, foi constatado que é dado destaque a intervenções relevantes ou informativas, embora o sistema falhe em identificar todas as contribuições positivas ao debate existentes no fórum. Somam para isto alguns fatores, como a pontuação inicial dos comentários, o lugar que ocupa na interface e o momento em que entra na discussão. Por outro lado, foi observado que o sistema é eficiente para colocar o ruído em segundo plano na interface, o que contribui em muito para a qualificação da comunicação.

O estudo demonstrou também a importância do carma para a definição da interface final de um fórum de discussão: os que têm o carma baixo já entram com pontuação negativa e tendem a ser ignorados pela moderação, ou seja, dificilmente serão elevados na interface. Por outro lado, um carma alto significa entrar já com a pontuação +2 na discussão e ter mais chance de receber a moderação. É interessante, portanto, observar como esse perfil, construído de forma híbrida pelo sistema e pelos parceiros, é elemento central para a modulação do debate.

Foi também interessante observar um certo emperramento na dinâmica do perfil carma, caracterizando uma tendência à exclusão. Uma vez colocado no patamar mais baixo do perfil, o participante terá dificuldade em reverter sua situação, já que é impedido de participar das tarefas de moderação e meta-moderação, e dificilmente será moderado nas discussões – ocasiões em que teria a chance de aumentar sua pontuação. Resta saber se é possível relacionar essa tendência à exclusão com a tendência à homogeneidade, o que caracterizaria ainda mais a idéia de um pensamento fechado de grupo. De toda forma, é possível concluir que o carma é um perfil colaborativo que atua também como um modulador das fronteiras da comunidade, na medida em que define quem terá destaque e quem será praticamente ignorado nas discussões, e quem pode ou não participar das tarefas de moderação e meta-moderação. Dessa forma, opera como uma barreira modular que restringe acessos e define as exclusões.

Por último, uma questão ficou latente: como se pensar esse controle operado de forma distribuída e cooperativa, através das tarefas de moderação e meta-moderação, tendo como referência os estudos sobre o monitoramento contemporâneo? Articulando-se os estudos sobre trabalho imaterial e controle, pode-se interpretar o monitoramento mútuo entre parceiros observados no *Slashdot* como um monitoramento de forças autônomas operadoras da cooperação produtiva. Deste modo, quer se pensar o controle não necessariamente como um elemento externo que se exerce sobre indivíduos, mas como um elemento partícipe de uma

interação, exercido não só com a aquiescência dos sujeitos envolvidos, mas também com seu próprio engajamento na tarefa de monitoramento. O controle, nesse caso, aparece como um instrumento necessário à geração da economia da atenção e da qualidade da comunicação, em resposta ao excesso de informação. Na interface do *site* em questão, o controle está associado a um modelo de mediação baseado na cooperação, isto é, opera como uma tecnologia de cooperação do sistema.

Conclusão

Ao se escolher o *website Slashdot* como objeto de pesquisa tinha-se a intuição de estar, de alguma forma, aproximando-se de algo mais amplo, que pudesse estar relacionado não apenas a um *site* específico, mas às possibilidades de comunicação e interação pela rede mundial de computadores. Afinal, trata-se de uma das interfaces mais dinâmicas e interativas da rede, na qual é possível se presenciar uma comunicação horizontal muitos-muitos, descentralizada e distribuída, que se auto-organiza a partir da ação de seus próprios participantes sem que exista um ponto central de mediação. Sua interface como que reflete a topologia da Internet, também descentralizada e distribuída, propícia à interação de muitos com muitos.

A suposição inicial, de se querer entender o modelo de comunicação do *Slashdot* como um modelo cooperativo, tendo como referência a cultura *hacker*, se confirmou. A articulação do trabalho *hacker* com a cooperação produtiva ofereceu um campo teórico bastante pertinente para a interpretação dos sistemas de moderação e meta-moderação dessa interface. Um coletivo de sujeitos, que têm como modelo de trabalho a cooperação produtiva, empreendem no *site* a tarefa de qualificação do debate seguindo esse mesmo modelo: atuam como forças autônomas, de forma descentralizada e distribuída, e suas atuações se somam na forma da interface final do *Slashdot*. No meio do caminho, uma observação intrigou: esse modelo cooperativo dependia de um monitoramento mútuo para funcionar. O controle, dessa forma, pode ser pensado como parte das tecnologias de cooperação. Ou, por um outro ângulo, o perfil de cooperação pode ser visto como uma das faces da sociedade de controle.

Uma observação no estudo de caso chama a atenção: um modelo de comunicação em rede, feito de forma aberta e distribuída por milhares de participantes, tende à homogeneidade. Neste ponto, vem à reflexão a especificidade da Internet como meio de comunicação. A homogeneidade, como se sabe, é característica dos meios de comunicação de massa que emitem informação a partir de um pólo central. Na Internet, supunha-se, a lógica

seria diferente: como o pólo emissor foi liberado, a heterogeneidade seria a sua marca. No entanto, no objeto de estudo analisado, constatou-se que um grupo que compartilha idéias e valores cria um novo padrão de homogeneidade, dessa vez calcado em sentimentos e sentidos consensuais, oferecendo pouco espaço à divergência.

Estas constatações vão de encontro a um certo pensamento adepto do determinismo tecnológico, isto é, à crença de que o meio de comunicação é capaz de, por si só, definir um novo padrão comunicacional. Em outras palavras, as esperanças de que a rede mundial de computadores, por sua topologia aberta e distribuída, ofereceria um espaço propício à diferença e à diversidade encontram forte oposição em pesquisas como esta, que concluem por um fechamento ou uma restrição nos usos e interações observadas na rede¹⁵. É preciso, talvez, pensar o espaço da rede sob uma outra chave, que não simplesmente a da heterogeneidade ou homogeneidade puras. Talvez seja mais apropriado enxergá-la como uma diversidade de espaços homogêneos ou uma heterogeneidade de grupos fechados. Este parece ser um instigante campo de pesquisa, que merece ser mais explorado.

Ao final deste percurso, fica a certeza de que se foi possível se aproximar de uma interpretação desse modelo de mediação, resta também a convicção de que só se deu início a uma reflexão sobre as possibilidades de comunicação e interação pela Internet. No entanto, espera-se que esta abordagem possa trazer alguma contribuição para esse campo de estudos.

Referências

ANTOUN, H. **Mediação, Mobilidade e Governabilidade nas Redes Interativas de Comunicação Distribuída**. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, UERJ, Rio de Janeiro, 2005. Anais... Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005. 1 CD-Rom.

BAUMAN, Z. **Globalização – As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação**. In: Revista Famecos nº 24, pp. 110-124. Porto Alegre, 2004.

CAMPBELL, J. E. e CARLSON, M. Panopticon.com: online surveillance and the commodification of privacy. **Journal of Broadcasting & Electronic Media** 46(4), 2002, pp. 586-606.

DELEUZE, G.. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle, in **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

¹⁵ Sobre o uso instrumental da rede, conferir VAZ, P. **As esperanças democráticas e a evolução da Internet**. In: XIII ENCONTRO DA COMPÓS, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004. Anais...São Bernardo do Campo: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004. 1 CD-Rom. Sobre estreitamento de opinião na rede, conferir SHAPIRO, A. L., **The control revolution – How the Internet is putting individuals in charge and changing the world we know**. New York: Public Affairs, 1999.

- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (impressão 2002).
- _____. **Vigiar e punir – nascimento da prisão**. 28ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HARDT, M. e NEGRI, A. **Império**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LAMPE, C. e RESNICK, P. **Slash(dot) and Burn: Distributed Moderation in a Large Online Conversation Space**. 2004. Disponível em: <<http://www.si.umich.edu/~presnick/papers/chi04/LampeResnick.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2005.
- LAZZARATO, M. NEGRI, A. **Trabalho imaterial – formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LYON, D. **Everyday surveillance – Personal data and social classifications**. Information, Communication & Society 5:2, 2002, pp. 242-257.
- MALINI, F. (Tecnologias das) Resistências: A Liberdade como Núcleo da Cooperação Produtiva, in PACHECO, A. et al. (Org.). **O Trabalho da Multidão**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2002, pp. 149-177.
- MARX, G. T. **What’s new about the “new surveillance”? Classifying for change and continuity**, In: Surveillance & Society, 2002. Disponível em: <<http://www.surveillance-and-society.org/articles1/whatsnew.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2004.
- POSTER, M. **The second media age**. Cambridge: Polity Press, 1995 (impressão 1996).
- RHEINGOLD, H. **Smart Mobs – The next social revolution**. Cambridge, MA: Perseu, 2002.
- ROSE, N. **Government and control** In: British Journal of Criminology, 40. 2000.
- VAZ, P. **Esperança e excesso**. In: IX ENCONTRO DACOMPÓS, PUC/RS, Porto Alegre. 2000. Anais eletrônicos... São Leopoldo, RS: Unisinos, 2000. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2000/2000_pv.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2004.
- _____. **O corpo-propriedade**. 1996. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/mb/oencantador/paulovaz/P1A.html>>. Acesso em: 02 jun. 2005.